

Que tipo de Pai é Você?

Gary & Anne Marie Ezzo

growing families international

Gary & Anne Marie Ezzo

Que tipo de Pai é Você?

Tradução
Andréia dos Santos Lucas

Revisão
Ana Carolina Vilela

1ª EDIÇÃO

UNIVERSIDADE DA FAMÍLIA

POMPEIA, SÃO PAULO
2010

© 1984, 1990, 2007 by Gary and Anne Marie Ezzo

Título da obra original: *The Parent-Type Summary Booklet*

Publicado por Growing Families International, Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida de qualquer modo ou por quaisquer meios sem prévia permissão por escrito da Associação Nova Shalom – Universidade da Família.

Direção e edição: *Stefan Dyo Nishimura*
Tradução: *Andréia dos Santos Lucas*
Revisão: *Ana Carolina Vilela*
Leitura final: *Márcia Yoko Nishimura*
Capa: *Depto de Comunicação UDF*
Diagramação: *Waldemar Suguihara*
Produção de e-book: *André Caniato*
Impressão: *Bless Gráfica e Editora Ltda.*

CIP – Brasil. Catalogação na Fonte
Bibliotecária: Karina Harumi Iwashita. CRB 8/6.539

E99p
Ezzo, Gary
Que tipo de pai é você? / Gary Ezzo e Anne Marie Ezzo. Tradução de Andréia dos Santos Lucas – 1 ed. – Pompeia: Universidade da Família, 2010.

36p: 10,2x15,2cm

Título original: *The parent-type summary booklet*

ISBN 978-65-994828-9-2

1. Moral cristã. I. Título.
CDD 240

Índices para catálogo sistemático
1. Moral cristã – 240

ASSOCIAÇÃO NOVA SHALOM
Rua José Cândido Prizão, 543
17580-000 – Pompeia, SP
telefone: (14) 3405-8500

Dedicado a Lori e Joe Moore, cujo fiel auxílio,
incentivo e amizade têm sido preciosos para nós
e, acima de tudo, para o reino de Deus.

INTRODUÇÃO

Para nós, que somos educadores, pais e avós, não há nada mais gratificante do que ver a cabecinha erguida de uma criança e seus olhinhos entusiasmados, refletindo o seu encantamento diante de uma nova descoberta. Esse é um daqueles momentos preciosos da vida, que fazem da criação de filhos um dos assuntos mais interessantes do mundo. Como a mente da criança é levada por sua curiosidade, pela necessidade que ela tem de desbravar o mundo e pela tendência que demonstra de tentar controlar o seu universo com sorrisos e gritinhos, é essencial refletirmos sobre a influência que o lar, como seu primeiro ambiente de aprendizado, e os pais, como seus primeiros mestres, exercem sobre ela. O princípio de que a experiência familiar dos primeiros anos de vida constrói a base para os ajustes que a criança fará posteriormente é um fato incontestável; uma verdade que se sustenta por si só.

Embora haja diversos fatores que influenciam a criança e que não podem ser mudados pelos pais (tais como a natureza, a hereditariedade, o temperamento e as predisposições), há, por outro lado, influências que os pais exercem sobre ela, que podem e irão impactá-la por muitos anos. Tais influências advêm do que denominamos “tipos paternos / maternos”.

Neste livreto, veremos um resumo de quinze tipos de pai (ou mãe), cuja influência produz padrões de comportamento previsíveis na criança. Infelizmente, quatorze desses tipos são negativos. Apenas um, que se centra nos princípios divinos para a criação de filhos, constitui um modelo positivo, completo e capaz de trazer vida à criança. Alguns desses modelos são, na verdade, combinações de dois tipos negativos, que funcionam como um só. Um exemplo disso é o pai (ou a mãe) ameaçador(a) / repetitivo(a) e o(a) silencioso(a) / remisso(a).

Faz sentido concluir que, ao reduzirmos ou eliminarmos os padrões negativos de criação que há em nosso lar, seus efeitos negativos sobre nossos filhos também diminuirão na mesma proporção. Dizendo assim, pode parecer que estamos nos referindo a um simples caso de condicionamento estímulo-resposta, mas, na verdade, é muito mais do que isso. Compreendemos que é inútil presumir que o fato de adotarmos uma postura correta ao criar nossos filhos resultará na salvação deles. Porém, cremos que uma mudança positiva na postura dos pais pode, sim, influenciar os filhos durante a sua formação, levando-os a receber de Deus conforme amadurecem.

Nesse sentido, quando a postura dos pais é positiva, pode-se formar uma espécie de inércia espiritual, capaz de contribuir para levar a criança a uma compreensão das qualidades e dos atributos divinos. É através dessa experiência que ela irá adquirir uma consciência maior de sua necessidade de salvação.

Da mesma forma, quando o comportamento dos pais é negativo, ele geralmente produz barreiras artificiais, que impedem a criança de aprender sobre o Senhor. Em vez de esses modelos maléficos serem um reflexo do caráter de Deus, eles o depreciam, dando-lhe outra definição. É claro que a eliminação dessas práticas não substitui a necessidade de se adotarem posturas saudáveis, mas já constitui um grande passo rumo à direção correta. Ainda assim, a mudança está intimamente ligada a uma percepção correta do problema e ao desejo de mudar, tão logo identificamos e confrontamos um padrão negativo em nossa vida. Nosso desejo é que este livreto ajude o leitor em ambas as áreas.

Em geral, as consequências dos tipos negativos de criação, que esta síntese aborda, manifestam-se em diferentes graus de intensidade. Assim, seus efeitos podem e irão variar de lar para lar. Nosso objetivo, ao escrever este livreto, é que ele sirva como uma ferramenta de avaliação e esclarecimento e, não, como uma arma de condenação e crítica. Afinal, todos os pais, em algum momento e em algum nível, cometerão erros na criação de seus filhos. A única questão que todos nós teremos de encarar é se a nossa postura, como pais, caracteriza-se por algum desses ‘tipos’ e, portanto, necessita de atenção e mudança. Contudo, essa avaliação cabe ao leitor.

Que Deus abençoe e multiplique o empenho que você faz para levar os seus filhos ao conhecimento Dele.

Gary e Anne Marie

TIPOS DE PAI/MÃE

Permissivo(a)
Superprotetor(a)
Subornador(a)
Ameaçador(a) / Repetitivo(a)
Silencioso(a) / Remisso(a)
Ausente / Substituído(a)
Inacessível / Desestimulador(a)
Manipulador(a)
Centrado(a) na Criança
A Mãe Centrada em Si Mesma
Centrado(a) em Deus

O PAI (OU A MÃE) PERMISSIVO(A)

A grande preocupação do pai (ou mãe) permissivo(a) não é levar a criança a obedecer ou a ter um comportamento bíblico / social aceitável. Seu principal alvo é proporcionar-lhe um ambiente em que não haja limites, pois acredita que as barreiras, seja de que tipo forem, são prejudiciais. Para esse pai (ou essa mãe), o reforço negativo, incluindo aí a correção passiva e as restrições, é visto como um obstáculo para o desenvolvimento da criança e suas descobertas.

O pai permissivo não é, entretanto, um pai preguiçoso. Pelo contrário, criar uma criança sem limites acaba sendo bastante trabalhoso, pois nada nunca é constante ou absoluto no mundo dele ou no da criança. Ele parte do princípio de que a natureza humana é essencialmente boa ou, na pior das hipóteses, neutra. Como entende que a criança possui a capacidade de fazer o mal, mas não tem nenhuma intenção egoísta de fazê-lo, sua ênfase, ao criá-la, recai sobre as capacidades de autoexpressão, autocondução e autodeterminação da criança.

Todavia, essa visão se opõe à descrição bíblica do homem e de sua natureza. As Escrituras apontam que todo ser humano possui, por natureza, uma predisposição fatal a desejos e julgamentos egoístas, além de uma vontade intrínseca de praticar o mal. E o mesmo se aplica à criança. O Salmo 51.5 afirma: *"Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe"*. Outra evidência de que a criança possui a natureza pecaminosa está no fato de ela ser controlada por suas paixões. Provérbio 22.15a diz que *"a estultícia está ligada ao coração da criança…"*. A palavra "estultícia" aí tem o significado de "engano"; de "intenção de enganar" ou, ainda, de "ganhar por meio de trapaça". Trata-se de uma marca original do coração humano. Ela implica muito mais do que a simples capacidade de fazer o mal; ela fala de uma intenção.

A criança não tem nada a ganhar quando seus pais redefinem a natureza humana em todos os seus aspectos, dos óbvios aos desejáveis, e, então, adotam uma filosofia de criação que favorece o ponto de vista deles. É praticamente desnecessário demonstrar o equívoco da suposição segundo a qual é benéfico oferecer uma liberdade ilimitada à criança, num período em que ela é incapaz de refrear seus impulsos, sedentos por autogratificação. A criança criada sob uma filosofia permissiva tende não ter nenhum domínio de si. No que respeita ao seu comportamento em sociedade, em geral é uma criança grosseira, antissocial e pouco prestativa.

A criança precisa de limites saudáveis desde pequena e só deve ganhar mais liberdade à medida que for crescendo e internalizando os princípios que produzem uma conduta responsável. A criança a quem os pais impõem medidas de autocontrole, apropriadas à sua idade, será uma criança feliz. Terá uma disposição e caráter mais brandos e desenvolverá um senso maior de segurança. Como resultado, ela se sentirá mais segura naquilo que tentar realizar e terá menos receio do fracasso.

O PAI (OU A MÃE) SUPERPROTETOR(A)

O pai (ou a mãe) superprotetor(a) é o oposto do tipo anterior. Ele(a) protege a criança de vivenciar o seu ambiente ou, então, controla-o de tal forma, que seu filho nunca se depara com as lições necessárias da vida. Não estamos falando do pré-treinamento que leva a criança a desenvolver um comportamento autodirigido, mas, sim, de um ambiente artificial, em que ela é completamente protegida da possibilidade de fracassar.

A mentalidade desse tipo de pai (ou mãe) é a de que o fracasso é sempre negativo – se não para a criança, então certamente para a imagem dele ou dela. Dessa forma, acredita que o filho nunca tem maturidade suficiente para tomar as decisões certas, o que faz com que a sua supervisão sobre ele se torne indispensável. Os problemas decorrentes disso possuem duas facetas. A primeira é que os pais prendem o filho de tal forma a eles, que ele acaba tendo muita dificuldade de deixá-los, pois sente que necessita continuar recebendo sua ajuda e orientação. A segunda é que essa atitude reprime a criatividade da criança e a impede de lidar com a realidade quando se vê fora da olhar vigilante dos pais. Como resultado, ela se sente frustrada porque não tem a permissão de participar de atividades infantis consideradas normais para a criança. A advertência que fazemos aos pais é que busquem encontrar um equilíbrio entre permissividade e superproteção, em prol do bem espiritual e emocional de seus filhos.

O PAI (OU A MÃE) SUBORNADOR(A)

Deus condena o suborno. *"Também suborno não aceitarás, porque o suborno cega até o perspicaz, e perverte as palavras dos justos."* (Êxodo 23.8). *"Pois o Senhor vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e temível, que não faz acepção de pessoas, nem aceita suborno."* (Deuteronômio 10.17). *"Não torcerás a justiça, não farás acepção de pessoas, nem tomarás suborno; porquanto o suborno cega os olhos dos sábios e subverte a causa dos justos."* (Deuteronômio 16.19).

O pai subornador é aquele que está disposto a fazer negociações com seus filhos, em troca de um comportamento aceitável da parte deles. Ele usa de suborno, ameaças e até de táticas que geram temor na criança, a fim de obter um controle temporário sobre o comportamento dela. O suborno seria dizer algo mais ou menos assim: "Se hoje você se comportar bem na loja, a mamãe irá comprar um presentinho para você." Já uma ameaça seria algo do tipo: "Se você não se comportar hoje na loja, a mamãe não irá comprar aquele presentinho especial que havia lhe prometido." Por sua vez, um exemplo de tática, capaz de gerar temor, seria dizer à criança: "Se você não se comportar hoje na loja, a mamãe ligará para o orfanato, para mandarem buscar você!"

Um dos problemas desse tipo de conduta na criação de filhos é que ela estabelece uma motivação falsa ou inadequada para a obediência. Ela condiciona a criança a obedecer em função da recompensa que receberá e, não, por sua obediência a Deus. É verdade que os pais devem recompensar a criança por sua obediência, mas não devem incentivá-la a obedecer como via para obter recompensas. Outro problema é que essa conduta ensina a criança um modo de negociar com os pais, de forma a levá-los a aceitar o seu comportamento.

Ademais, gera nela a expectativa de receber uma recompensa por tudo o que fizer, o que reflete um uso inadequado desse recurso.

Os pais só devem recompensar a criança quando ela tiver alcançado o primeiro dos quatro níveis da iniciativa, caracterizado pela capacidade de perceber uma necessidade e fazer face a ela ou de ir além do que lhe foi solicitado. O segundo nível, por sua vez, caracteriza-se pela capacidade que a criança demonstra de seguir instruções com uma boa atitude. De modo geral, não é aconselhável que os pais lhe recompensem nesse nível, mas devem dirigir-lhe bastantes sinais de aprovação, sejam eles físicos ou verbais. Quando a criança segue instruções num ritmo lento, é sinal de que ela se encontra no terceiro nível da iniciativa. Nesse caso, os pais devem adverti-la ou incentivá-la a melhorar. Por fim, a criança que ignora toda e qualquer ordem que recebe encontra-se no quarto nível. Aí, tanto o pai quanto a criança precisam receber uma forte repreensão ou medida corretiva.

A atitude do pai (ou da mãe), de persistir no uso do suborno, gera os seguintes frutos no comportamento e no caráter da criança: ela aprende a manipular os outros, passa a procura maneiras de ser recompensada, desenvolve tendências egoístas e, mais grave ainda, vê-se limitada em sua capacidade de servir ao próximo, pois tenderá a fazê-lo apenas se for receber uma gratificação.

O PAI (OU A MÃE) AMEAÇADOR(A) / REPETITIVO(A)

Será que os pais cristãos devem ensinar os filhos a agir com indiferença diante de uma ordem recebida? É evidente que a resposta é Não. No entanto, a realidade é que muitos pais cometem o erro de ensinar esse comportamento negativo a seus filhos. No afã de levarem a criança a obedecer, acabam, na verdade, por ensiná-la a desobediência. O pai (ou a mãe) ameaçador(a) / repetitivo(a) é aquele(a) que está constantemente repetindo ordens ou instruções para a criança, que se fazem seguir de diversas ameaças, caso ela não lhe obedeça.

A mãe que primeiro tenta convencer a criança com adulação, depois lhe faz uma ameaça, negocia com ela em seguida, finge que está lhe disciplinando e, finalmente, aplica-lhe um leve castigo, só está, na verdade, piorando uma situação que já é ruim. Quando os pais se vêem repetindo muitas vezes uma ordem, o mais comum é que a criança os esteja ignorando, quando lhe falam da primeira vez. Sempre que repetimos alguma coisa, nossa tendência é usar as mesmas palavras, mas aumentar um pouco o tom de urgência em nossa voz. Porém, se a criança não nos deu atenção quando lhe falamos da primeira vez, por que deveríamos supor que da segunda tentativa será diferente? Em vez de fazer isso, experimente ir até a criança e falar-lhe de uma forma suave e tranquila. Muito provavelmente ela lhe dará ouvidos.

Nenhuma criança acolherá o padrão divino de obediência aos pais se não houver, da parte destes, a firme determinação de fazer valer a verdadeira obediência bíblica em seu lar. Como é que uma criança pode obedecer da terceira ou da quarta vez, mas não da primeira? A explicação é que o pai (ou a mãe), ao ver que a criança não lhe obedeceu da primeira, segunda ou terceira

vez, acaba decidindo forçar a obediência à sua ordem. Ora, se uma criança acaba obedecendo da terceira vez, por que não poderia obedecer da primeira?

É de extrema importância que os pais compreendam a natureza objetiva da obediência imediata. Exigem que a criança se comporte segundo um padrão, mas quem acaba determinando quando ela será corrigida por não corresponder a ele é a própria criança. Qualquer atitude que ela tenha, aquém da obediência imediata, terá como consequência uma punição subjetiva. Ou seja, a medida corretiva adotada pelo pai (ou mãe), nesses casos, já não terá mais relação com a desobediência em si, mas com os caprichos e o estado de espírito dele ou dela naquele momento específico. Isso acontece devido à constante oscilação da linha que determina o comportamento que os pais esperam da criança.

O pai (ou a mãe) que faz ameaças e fica repetindo suas ordens até que a criança lhe obedeça estimula o filho a ter uma reação temerosa e subjetiva às suas ordenanças. Essa atitude, por sua vez, ensina à criança que a obediência integral e imediata não é importante para seus pais e, portanto, não deve ser importante aos olhos de Deus. Todavia, um dos principais indicativos de que temos uma fé pessoal é a nossa disposição de obedecer ao Senhor.

A criança que aprende a ignorar os pais, quando estes falam com ela, irá exibir o mesmo comportamento em todas as outras áreas da vida. Podemos ver essa atitude na criança que ignora os outros sempre que não está com vontade de conversar com eles. A consequência é que, muito provavelmente, ela se tornará insensível à atenção que os outros lhe dão, o que a levará a agir com desrespeito com adultos e autoridades.

Lembremo-nos de que a promessa da bênção está vinculada à obediência. Efésios 6.1-3 diz: *“Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa), para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra”*. Entretanto, o juízo de Deus vem sobre aqueles que desobedecem e não honram a seus pais. Provérbio 30.17 afirma: *“Os olhos de quem zomba do pai, ou de quem despreza a obediência à sua mãe, corvos no ribeiro os arrancarão e pelos pintãos da águia serão comidos”*.

O PAI (OU A MÃE) SILENCIOSO(A) / REMISSO(A)

Nunca fora a intenção de Robby, um garoto de 12 anos, machucar o seu amiguinho com a bola de espirobol enquanto brincavam. Afinal, ele estava vendo o quanto Blake, de seis anos, vinha se divertindo ao tentar pegar a bola, que se enrolava cada vez mais rápido em torno do mastro. O pai de Robby estava por perto, assistindo à divertida brincadeira dos garotos. Porém, em nenhum momento os advertiu acerca do mais provável resultado daquele jogo: alguém acabaria se machucando. Blake acabou sendo vencido por Robby, que tinha o dobro de sua idade, tamanho e força. É evidente que alguém sempre se machuca quando o cuidado é posto de lado. O que será que passava na cabeça do pai de Robby?

O pai (ou a mãe) silencioso(a) / remisso(a) é aquele(a) não orienta os filhos, quando estes precisam de orientação, tampouco os adverte diante de uma tragédia iminente. Em vez disso, espera o problema acontecer para então tomar uma atitude. Esse pai (ou mãe) é um misto do tipo permissivo, que deixa o filho fazer o que bem entende, e do tipo inacessível, que manda de uma forma autoritária. Dito de outra maneira, seu filho tem toda a liberdade que deseja. Porém, se comete algum erro de cálculo, o que escuta dele (ou dela) são palavras de condenação e, não, palavras de advertência, que poderiam ter impedido o problema ou o acidente.

Silencioso ou remisso, esse pai é alguém que não orienta, mas, sim, que reage. Ele não ensina o filho a pensar no que pode suceder, tampouco a considerar o contexto em que se encontra ou as possíveis consequências de seus atos. Então, quando uma situação que poderia ter sido evitada sai do controle, ele reage de maneira impulsiva, após o ocorrido, em vez de tomar a iniciativa

preventiva de alertar a criança antes de o problema acontecer. A consequência disso, no longo prazo, é que a criança cresce sempre desconfiada de que algo inevitável acontecerá a ela. Além disso, pode não desenvolver empatia ou a sensibilidade de perceber o que os outros estão sentindo. Esse tipo de criança também tende a não ser produtiva, porque teme o fracasso ou a punição daqueles que se acham em posições de autoridade. Isso reprime a sua criatividade, causa-lhe aborrecimentos e rouba-lhe qualquer esperança da infância.

O PAI (OU A MÃE) AUSENTE / SUBSTITUÍDO(A)

De certa forma, o que caracteriza esse tipo de pai (ou mãe) não é bem uma intenção ruim de sua parte, mas, sim, um tumulto de atividades; algo que, em princípio, até parece ser positivo. Esse tumulto, aparentemente bom, compete com a criação dos filhos de uma maneira destrutiva, já que a busca por boas oportunidades de vida, embalada pela incerta promessa de um futuro melhor, acaba afastando o pai (ou a mãe) de sua realidade, que é criar os filhos enquanto é tempo.

A nossa sociedade criou uma confusa rede de valores que competem entre si e travam uma batalha velada contra a família. Quando o bem luta contra o mal, pelo menos sabemos qual dos lados representa o inimigo. Assim, podemos montar uma linha de combate, avaliar nossos pontos fortes e fracos e reforçar nossas defesas. Somos capazes de criar uma estratégia de vitória, pois a linha que separa os dois lados acha-se bem definida. Porém, quando valores bons competem com outros valores, também bons, perdemos todo o nosso senso de precaução.

Atualmente, é comum que os pais desejem agarrar as diversas oportunidades que a sociedade lhes oferece, tais como a promessa de um futuro melhor, uma casa com mais cômodos, carros maiores, além da enorme variedade de atividades em que colocar os filhos. Há um problema sutil nisso, que é a facilidade com que podem se perder nessa busca por tantas oportunidades boas, disponíveis a eles. O que acontece é que os bons valores, advindos dessas muitas oportunidades, começam a competir pela supremacia do tempo que dedicamos aos nossos filhos e ao desenvolvimento de um relacionamento profundo com eles. Quando isso acontece, nós nos posicionamos à margem do caminho e

passamos a nos portar como meros espectadores de nossos filhos e do mundo deles.

Qual é o efeito negativo desses bons valores, que se acham em competição? Muitas vezes, é o que fazemos com um bom valor que acaba por corrompê-lo, ou, então, o fato de permitirmos que um único desses valores domine a nossa vida. Marta, a irmã de Maria, agiu assim. Ela permitiu que o maravilhoso serviço que desejava prestar ao Senhor tomasse o lugar de um valor ainda maior, que era o de estar com Jesus (Lucas 10.38-42).

Em geral, o pai (ou a mãe) ausente é alguém que prioriza a vida profissional, na esperança de que todo o sacrifício que faz no presente resulte em benefícios para a família no futuro. Entretanto, na ausência dos pais, as crianças desenvolvem um relacionamento com o pai (ou mãe) substituto(a). Um pai substituto é qualquer pessoa ou coisa que assuma o papel de liderança e de ensino que cabe aos pais. Pode ser alguém que exerce algum ministério na igreja, o professor da escola dominical ou líder dos jovens, um professor da creche, a televisão ou os jogos de computador.

Contudo, nenhuma pessoa, organização ou objeto é capaz de compensar as horas que os pais passam longe de casa e dos filhos. É sensato planejarmos o futuro, mas não devemos fazê-lo à custa de nossos filhos.

Quais são alguns dos efeitos colaterais que essa postura ausente acarreta? Para a criança, sentimentos de ressentimento ou amargura, ao perceber que a preocupação dos pais é com a sua vida profissional e, não, com ela. Em muitos casos, os pais tentam compensar essa ausência, dando à criança um brinquedo ou um agrado especial. É claro que a criança aceitará o presente, mas, com o tempo, o próprio presente se tornará uma lembrança da ausência dos pais, trazendo ainda mais tristeza para ela.

O PAI (OU A MÃE) INACESSÍVEL / DESESTIMULADOR(A)

Outro tipo que não é muito diferente do pai ausente / substituído é o pai (ou mãe) inacessível, que se caracteriza por se “proteger” das necessidades dos filhos. Essa postura pode ser fruto de o pai ou a mãe levarem uma vida muito ocupada e acharem que as prioridades da família são um peso para eles, ou que não são tão importantes quanto à circunstância que estejam vivendo, seja ela qual for.

Dentro dessa categoria, encontra-se também o pai (ou mãe) que usa de palavras desencorajadoras e cujas críticas são capazes de marcar negativamente a criança por toda a vida. Afirmações do tipo “Por que você continua tentando fazer isso? Vai dar errado de novo!” ou “Deixe que outra pessoa faça isso aí. Você não tem capacidade”, levam a criança a desenvolver falsas crenças, capazes de infligir-lhe limitações artificiais, que a impedirão de perceber o seu potencial. Com isso, a criança acaba deixando de lado os seus sonhos, e os pais se tornam uma figura inacessível e desestimuladora para ela.

Muitos pais desejam mudar, mas raramente conseguem. A impressão é que seus compromissos, prazos para cumprir, falta de dinheiro ou demais interesses são sempre mais importante para eles do que quaisquer problemas que uma “simples criança” possa ter. O pai (ou a mãe) inacessível perde a oportunidade de responder às curiosidades da criança, tão importantes para o aprendizado e desenvolvimento dela. Ademais, torna-se cego(a) para os sinais que ela emite quando está carente de atenção ou incentivo, ou, então, torna-se ocupado(a) demais para ter tempo de escutá-la, em um momento crítico da vida.

A criança cujos pais se encaixam nessa categoria normalmente cresce buscando formas inadequadas de amor e atenção. Tende a se tornar

excessivamente submissa, o que a torna vulnerável a pessoas dominantes que têm seus próprios problemas. Esse tipo de relacionamento não é muito justo para a parte submissa. Mais grave ainda, quando essa criança finalmente sair de casa e estabelecer a própria família, provavelmente o mesmo ciclo se repetirá em sua vida. Ela se tornará, então, como o pai a descreveu. Gálatas 6.7 declara: *"Aquilo que o homem semear, isso também ceifará"*. Esse versículo se aplica ao pai inacessível / desestimulador.

O PAI (OU A MÃE) MANIPULADOR(A)

Quem não conhece um pai ou uma pessoa manipuladora? Embora todos nós cometamos, em algum nível, o erro de manipular os outros, o pai manipulador é aquele que, por definição, exerce uma liderança manipuladora. Nessa categoria, estão aqueles que tentam controlar os filhos através do domínio emocional.

De modo geral, o pai (ou mãe) manipula o filho porque não se sente seguro(a) de sua capacidade de criá-lo. Assim, busca obter controle sobre o comportamento exterior da criança, recorrendo às emoções básicas do ser humano, dentre as quais estão a necessidade de amor e de aprovação. Afirmações do tipo “A mamãe não vai amar você se…,” ou “A princesinha do papai não faz esse tipo de coisa” são declarações de controle. A consequência é que a criança passa a se comportar de modo extremamente submisso ao pai (ou à mãe); não por obediência a Deus, mas em função da expectativa de que, agindo assim, assegurará o amor dele (ou dela). Essa patologia, no adulto, corresponde a uma vida dominada pelo medo de se cometer algum erro ou delito. Esse tipo de criança torna-se boa candidata a desenvolver uma consciência demasiadamente proibitiva e reativa.

O pior mal que esse tipo de criação traz para o filho é a dimensão que o reflexo desse amor, baseado em culpa e em condições, alcança na sua vida adulta. Geralmente, a criança só consegue se ver livre da culpa que o pai (ou mãe) manipulador(a) infligiu sobre ela, quando se separa fisicamente dele(a) ou ele(a) vem a falecer. Outros efeitos colaterais dessa influência são o medo de fracassar e ser rejeitado, a culpa excessiva, a ansiedade e o sofrimento mental ao se deparar com a possibilidade de enfrentar conflitos com amigos ou com aqueles que estão em posição de controle. Tudo isso é fruto de os pais usarem da

culpa e de um amor centrado em condições a fim de levarem os filhos a lhes obedecer ou a realizarem os seus desejos.

O PAI (OU A MÃE) CENTRADO(A) NA CRIANÇA

O pai (ou a mãe) centrado(a) na criança é aquele(a) cujo mundo gira em torno da criação do filho. Toda decisão que toma, seja grande ou pequena, é feita com base em como a criança será afetada por ela ou como "poderá" se sentir. É claro que devemos levar os nossos filhos em consideração ao tomarmos alguma decisão familiar, mas isso não pode ser feito à custa do próprio bem-estar e segurança da criança ou do desenvolvimento saudável da família como um todo. O pai centrado na criança ignora essa advertência.

Esse tipo de pai (ou mãe) se fundamenta na filosofia de que a boa criação é determinada pela quantidade de atenção e sacrifício que a criança recebe da parte dele(a). Buscar intensamente a felicidade do filho e fazer enormes sacrifícios para evitar que ele passe por estresse ou desconfortos emocionais faz parte dessa crença. É evidente que qualquer pai deseja que seus filhos vivam sem estresse. Será que alguém discordaria desse desejo? Esperamos que não. A questão, portanto, não é a nobreza do objetivo, mas, sim, os métodos usados para alcançá-lo. A criação centrada na criança não é o caminho para prover esse tipo de benefício à criança.

Ademais, esse tipo de criação coloca em risco os relacionamentos familiares. Em vez de a criança ser vista apenas como parte da família, ela é tratada como o centro do universo familiar. Como resultado, ela nunca tem de esperar por nada. Se deseja algo, consegue obtê-lo por exigência. E as babás? A criança se sente incomodada com elas, portanto, os pais sequer têm a opção de terem uma noite livre.

Infelizmente, o pai (ou mãe) que age assim não tem consciência do efeito debilitante que a sua atitude exerce sobre os filhos, tanto agora quanto no futuro.

Em vez de levar a criança a se tornar um adulto seguro de si, ele(a) a induz a ter uma atitude egoísta, que debilita a sua vida emocional. Como a criança se torna o mestre do seu próprio universo, as demais pessoas passam a não ter importância para ela. Em seu mundo há apenas um centro: ela própria. Assim, ela se transforma num adulto pouco preparado para enfrentar o “toma lá dá cá” da vida, habilidade importante para o cultivo de relacionamentos saudáveis e duradouros. Ninguém procurará agradar essa criança mais prontamente que seus pais. Infelizmente, a vida dela acaba sendo moldada por uma série interminável de circunstâncias frustrantes.

O pai (ou mãe) que se centra na criança viola ainda a primazia que o relacionamento marido e mulher deve ter na família, conforme as Escrituras. Quando esse relacionamento se torna secundário à relação pai e filho, o plano divino para o sucesso familiar é infringido.

A criança que possui esse tipo de pais apresenta padrões específicos de caráter e comportamento. Primeiramente, é mais propícia a ter um desenvolvimento lento, do ponto de vista emocional e psicológico. Em geral aprende a manipular as situações para o seu próprio benefício, “jogando” com as emoções dos pais ou irmãos. Ademais, conforme os pais vão satisfazendo as suas exigências, ela vai se mostrando egoísta, o que a leva a desenvolver um falso senso de importância. Por fim, cresce sem aprender a ter respeito pelos outros e pela noção de propriedade. Esse tipo de criação é prejudicial ao desenvolvimento da criança e desastrosa para o testemunho dos pais.

A MÃE CENTRADA EM SI MESMA

O pai (ou mãe) que se centra na criança e aqueles que são permissivos agem com base em um entendimento inadequado e mal orientado acerca do que é melhor para o filho. Até mesmo o tipo manipulador, com toda a influência destrutiva que exerce, ainda é focado na criança. Por sua vez, a criação centrada na figura materna não se resume na criança. Ela tem a ver com a mãe, para quem a criação dos filhos funciona como um espelho.

A co-dependência encontra-se no cerne desse modelo de criação, razão pela qual a criança funciona, na verdade, como um ‘objeto’ pelo qual a mãe se satisfaz e deriva seu senso de valor. Tal qual em outros relacionamentos que apresentam este traço, a co-dependência no relacionamento mãe e filho se mostra sutil, uma vez que o verdadeiro problema é mascarado por algo muito bom, nobre e universal: a “maternidade”.

Todavia, é importante explicar que não estamos nos referindo a uma mãe que sente alegria, prazer ou um senso de realização e satisfação através da maternidade. Nossa expectativa é que toda mãe tenha esses sentimentos. Ao contrário, estamos falando de uma condição em que alcançar tais sentimentos se torna a principal razão da existência dos filhos. Em vez de os levar da dependência para a independência, essa mãe os mantém dependentes dela, daí o rótulo de co-dependente e a existência dessa categoria de criação. Essa condição é uma forma de “mamismo”, mas não o mamismo mais recente, “pós-moderno”, cuja visão de criação parte do mundo corporativo, mas, sim, o mamismo “clínico”, definido como uma forma de comportamento guiada pelas necessidades emocionais.

As tendências mamísticas desta natureza geram patologias comuns, que ajudam os profissionais a diagnosticar esse quadro na mãe. Dentre os sintomas já relatados encontram-se o senso crítico aguçado, a tendência de ser

excessivamente franca e opinativa (especialmente em relação a qualquer forma de criação que desafie a lógica de suas decisões) e uma necessidade extrema de ser reconhecida e aprovada pelos outros.

Uma necessidade que o co-dependente tem é a de alcançar e manter um status de “herói”, pois é capaz de fazer qualquer coisa para manter os outros na sua dependência e evitar sentimentos de abandono. Assim, a mãe percebe nas vontades da criança uma oportunidade de manter esse status. Por essa razão, não há, nesse lar, nenhuma regra que ela não possa quebrar em favor do filho, tampouco limites que não possam ser torcidos. As boas maneiras, por melhores que sejam, sempre podem ser abandonadas, e as desculpas, nunca são exageradas demais. Dessa forma, a criança cria um elo profundo com aquela que a socorre e é a sua heroína: a mãe. Todavia, essa ligação que estabelece com ela é inadequada, pois não se baseia no amor, no respeito e na confiança, mas, sim, no medo, no domínio e no controle.

Outra característica interessante desse tipo de maternidade é que, enquanto a esposa é conhecida pelo seu modo de ser como mãe, o pai é conhecido apenas como “o marido dela”. Nesse lar, ele não é visto como aquele que sabe o que é o melhor para a família, e sua opinião não tem o peso que o parecer da mãe possui.

Em última análise, esse tipo de mãe é movido por uma necessidade controladora de fazer com que relacionamentos vulneráveis e dependentes se mantenham assim, dependentes. Os filhos e o sacrifício que ela faz são como que um espelho em que ela enxerga um reflexo de seu suposto valor pessoal; uma imagem que ela é capaz de controlar.

Em geral, o modo de agir desse tipo de mãe é fruto de dolorosas experiências da infância. Por esse motivo, nem a bondade de Deus tampouco o amor do marido, num nível inferior, têm espaço para satisfazer as reais necessidades dela. E o que acontece com os filhos? Em geral, tornam-se adultos incapazes de desenvolver confiança em si mesmos ou de terem a segurança para formar opiniões independentes dos conceitos de sua mãe.

O PAI (OU A MÃE) CENTRADO(A) EM DEUS

Cada tipo negativo de pais toma uma característica dos pais biblicamente equilibrados e leva-o ao extremo. Deus nunca planejou que a criação de filhos fosse um fardo sobremodo pesado para os pais. Antes, seu plano era o de que a tarefa representasse um privilégio que lhes trouxesse recompensas. O Salmo 127.3 afirma: *"Herança do Senhor são os filhos"*. O desejo de Deus, portanto, é que os pais vejam os filhos da mesma maneira como ele enxerga seus filhos espirituais. O profeta Sofonias declarou: *"O Senhor teu Deus está no meio de ti, poderoso para salvar-te; ele se deleitará em ti com alegria; renovar-te-á no seu amor, regozijar-se-á em ti com júbilo"*. (Sofonias 3.17).

A família é a unidade social mais importante no mundo mediante a qual Deus faz crescer o seu reino. Isso se deve ao fato de ela ser a instituição que gera e perpetua os valores das sociedades. Foi assim na antiga aliança, com Israel, e continua sendo verdade em relação à nova aliança e à Igreja. É por essa razão que a criação de filhos, na perspectiva divina, é uma questão de grande importância, que diz respeito ao reino.

A maior prioridade na criação de filhos que se baseia na Bíblia deve ser a de definir para a criança quem Deus é. A nosso ver, a melhor maneira de se fazer isso é apresentando o caráter de Deus aos filhos e conduzindo-os segundo esse caráter. Essa é a essência da educação de filhos que se centra na Bíblia. O seu eixo não é a mãe, nem o pai, tampouco a criança, mas, sim, a glória de Deus, que se revela no caráter divino, o qual o Senhor nos chama a imitar.

Deus revela o seu caráter através das Escrituras, dos seus preceitos e das ordenanças morais que instituiu. Tais ordenanças constituem a sua Lei Moral. Quando a família cristã e a comunidade vivem, na prática, as virtudes e os

valores bíblicos – que formam o alicerce da lei moral de Deus – elas cumprem um dos propósitos divinos, que é o de refletirem a presença do Senhor em um mundo que não o conhece. Esta é a essência da santidade bíblica: famílias que vivem segundo o caráter divino e que, através do seu testemunho e conduta, ajudam a definir quem Deus é para um mundo que não o conhece.

É por essa razão que o ensino moral na comunidade e no lar cristão precisa ser prioridade em nossa vida. O fruto de uma boa conduta moral, que reflete a imagem de Cristo, torna-se um testemunho convincente, que declara a glória daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz (1 Pedro 2.9). Portanto, os pais devem ensinar aos filhos, com toda a dedicação, sobre o valor precioso das pessoas e como demonstrar bondade, gentileza e consideração a elas, além de todas as demais virtudes que caracterizam o Senhor. Ao fazê-lo, os pais "empurram" os filhos na direção de Deus, ao mesmo tempo em que manifestam ao mundo o caráter divino.

A criação centrada no que Deus determina ajuda os filhos a desenvolver uma vida de contentamento, segurança e domínio próprio. Isso acontece quando combinamos, de forma harmônica, as quatro verdades essenciais da criação de filhos: o amor, a disciplina, a educação e o exemplo. O amor desprovido de disciplina gera uma criança mimada. Já a disciplina, sem o amor, produz uma criança desalentada e abatida. O ensino sem o exemplo gera uma criança amargurada e rancorosa. Por sua vez, o exemplo sem o ensino produz uma criança irritadiça e insegura.

A criação de filhos centrada nos padrões divinos pode ajudar qualquer casal a alcançar o equilíbrio nessas quatro áreas. Os pais saberão quando dar liberdade aos filhos e quando puxar as rédeas, pois Deus é o autor tanto da liberdade quanto dos limites.

A mudança de hábitos negativos nessa área da criação de filhos pode levar algum tempo, e os pais sempre enfrentarão lutas ao buscarem alcançar o equilíbrio bíblico em seu modo de criar os filhos. Contudo, Deus nos dá a chance de recomeçar a cada novo dia. Suas misericórdias "paternais" se renovam a cada manhã. Portanto, busquem com diligência a salvação de seu filho, para que ele(a) possa alcançar a plenitude do poder e da influência divinas e, assim, servi-lo de todo o coração, como fruto de seu amor por Ele. É impossível criarmos nossos filhos apoiados em nossa própria força e, ainda assim, alcançarmos um

resultado que reflita o caráter de Deus. Em vez disso, vamos permitir que o Senhor, em sua graça, faça a obra que cabe a Ele, enquanto nós, em obediência, fazemos a nossa.